

Por uma Linguística popular do Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3948>

Roberto Leiser Baronas¹
Nayhara Juliana Aniele Pereira Thiers Vieira²

Resumo

A Linguística popular é um campo de estudos recente no âmbito das ciências da linguagem praticadas no Brasil. Inicialmente fundamentada em epistemologias do Norte Global, nossa proposta é trazer os trabalhos dos pensadores brasileiros Eduardo Viveiros de Castro e Antônio Bispo dos Santos para fundamentar epistemologicamente uma proposta de Linguística popular à brasileira. Os trabalhos do primeiro, acerca do perspectivismo ameríndio, e os do segundo, sobre a “guerra das denominações” no interior da contracolonialidade, são pertinentes para esse campo de conhecimento. Os gestos teóricos muito genuínos que empreendem vão ao encontro do objetivo primeiro da Linguística popular que é evidenciar como os sujeitos, por meio de determinadas práticas linguísticas, além de produzirem saberes metalinguísticos sobre a sua língua, podem intervir na sociedade.

Palavras-chave: Linguística popular; contracolonialidade; perspectivismo ameríndio

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; baronas@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

2 Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil; nayharajaptvl@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2756-5944>

Pour une Linguistique populaire du Brésil

Résumé

La linguistique populaire est un domaine d'étude récent au sein des sciences du langage, pratiqué au Brésil. Bien qu'initialement basée sur les épistémologies du Nord, la linguistique populaire est ici abordée à travers une proposition qui amène les travaux des penseurs brésiliens Eduardo Viveiros de Castro et Antônio Bispo dos Santos à étayer épistémologiquement une proposition de linguistique populaire du Brésil. Les travaux du premier, sur le perspectivisme amérindien, et ceux du second, sur la « guerre des dénominations » au sein de la contrecolonialité, sont pertinents pour ce champ de connaissances. Les gestes théoriques très authentiques entrepris répondent à l'objectif premier de la linguistique populaire, qui est de mettre en évidence comment les sujets, à travers certaines pratiques linguistiques, en plus de produire des connaissances métalinguistiques sur leur langue, peuvent intervenir dans la société.

Mots-clés: Linguistique populaire; contrecolonialité; perspectivisme amérindien.

Introdução

Com base na abordagem antieliminativa da Linguística popular, elaborada por Marie-Anne Paveau (2008/2020), objetivamos, por um lado, pontuar a questão linguística como fator fundamental para que possamos compreender como a corrente contracolonial, elaborada por Antônio Bispo dos Santos, a partir dos saberes quilombolas, se dá em diferentes frentes por meio de saberes metalinguísticos. Por outro lado, mobilizamos as contribuições de Eduardo Viveiros de Castro, notadamente com base em seu texto *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*, no qual discute a separação radical entre natureza, cultura, sobrenatureza, humano, não-humano, postulada pela antropologia eurocêntrica, perquirindo em seu lugar o conceito de perspectivismo ou de ponto de vista.

Nos ditos e escritos, de Antônio Bispo dos Santos, percebemos uma recorrência de comentários e formulações, diretos ou indiretos, muito genuínos, sobre a língua e a linguagem. Embora não tenha formação em linguística, tendo, na verdade, desenvolvido estudos formais apenas até o ensino fundamental, o modo como nos expressamos, como designamos e mesmo as restrições que impomos aos diversos seres em relação à linguagem é marcante em seu pensamento e elemento fundamental para o exercício da contracolonialidade.

No trabalho do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, buscamos seguir o rastro daquilo que ele próprio nos indica ao realçar que “[...] o importante é lembrar que no perspectivismo

há mais do que a vista alcança, há toda uma teoria do signo e da comunicação" (Castro, 2012, p. 901).

Essas observações, em seus desdobramentos específicos nos fazem sugerir que tanto Santos quanto Castro podem também ser considerados linguistas populares, no sentido que Paveau (2008/2020) atribui a esta designação. Ademais, nossa questão de fundo é propor que esses autores podem contribuir para fundamentar o quadro teórico-metodológico de uma Linguística popular à brasileira.

Antônio Bispo dos Santos – a contracolonialidade e a prática linguística em seu interior

Antônio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo, como gostava de ser chamado, foi um intelectual, filósofo da contracolonialidade, poeta e tradutor do pensamento quilombola. Seu trabalho está centrado na problemática da colonialidade com foco no que ele denominou contracolonialidade. Em seu pensamento, o contracolonialismo, elemento norteador de suas discussões, é descrito de formas diversas. Como quilombola, ele privilegiava a oralidade e é pelo movimento da palavra que tentamos apreender seus ensinamentos e perseguir suas reflexões linguísticas.

Dentre essa diversidade de formas de dizer e definir o contracolonialismo, algumas merecem destaque aqui. A primeira se dá pelo distanciamento em relação à ideia de decolonialidade no pensamento do mestre quilombola. Na ocasião de uma entrevista, realizada em 2023, ele elabora uma importante reflexão nesse sentido, pontuando que

Se você se sente colonizado e se isso te incomoda, você pode ser uma pessoa decolonial, você pode se descolonizar, é tranquilo para mim, eu vou respeitar. Eu não vou gastar minhas energias te descolonizando, esse é o teu papel. Eu vou gastar minhas energias lutando para não ser colonizado. E como eu não fui colonizado, não posso ser descolonizado. Como é que eu vou desmanchar uma coisa que não foi feita? Eu tenho que ser contracolônizador. A grande diferença entre ser decolonial e contracolônial é que um foi colonizado e o outro não. [...] Eu gosto de dizer que o contracolônialismo é uma trajetória e a decolonialidade é uma teoria [...] (Barbosa Neto; Silva; Lowande, 2023, p. 12-13).

Uma outra forma de definição, cara às discussões que traremos aqui, vai se dar pela marcação da relação entre o contracolônialismo e modos de vida ou cosmovisões específicas, como fica evidente em: "O contracolônialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolônialismo é um modo de vida diferente do colonialismo" (Santos, 2023, p. 58). Ou ainda quando diz

que “Contracolonialismo hoje é uma corrente. É quilombola. É indígena. É uma corrente politeísta” (Barbosa Neto; Silva; Lowande, 2023, p. 12).

A partir, principalmente, dessas últimas definições, podemos introduzir um ponto crucial sobre a especificidade do pensamento de Bispo dos Santos, que será central em nosso trabalho, que é compreender que, mais do que de um conceito, as elaborações que ele faz sobre a linguagem partem de um modo de existência específico, de uma outra cosmologia, que tem sua referência na organização dos Quilombos. Cabem aqui as palavras da quilombola e mestre em sustentabilidade pela UnB, Ana Mumbuca, que diz que um Quilombo é, entre outras coisas,

[...] um conjunto de vidas em defesas contínuas sustentadas em compromissos do compartilhar ancestral e cosmológico. Quilombo é a força das rebeldias contrárias a todas as ordens opressoras. Não pedimos nem pediremos libertação. Pois fomos e somos construtores das nossas próprias liberdades (Santos; Maia, 2022, p. 81).

Para nós é essencial compreender que é diante desse território, das vivências e das diversas relações languageiras que nele se dão, que Antônio Bispo dos Santos formula sua visão contracolonialista, colocando em debate, especialmente por meio da linguagem, o modo de existência colonial, oposto àquele vivenciado nos Quilombos, e que ainda hoje se sobressai em nossa sociedade. Sublinhamos, portanto, que essa relação com o território é marcada não apenas pela luta pela terra, mas por uma luta pela memória e pelos valores ancestrais e cosmológicos desse coletivo.

A guerra de denominações na luta contracolonial

Como intuito de enfraquecer o colonialismo, por meio do contracolonialismo, identificamos, nos escritos e ditos de Antônio Bispo dos Santos, uma preocupação com a língua e a linguagem como um fator primordial de consolidação do movimento contracolonial e transformação da sociedade colonial. Essa preocupação passa por uma sistematização que ele vai chamar de guerra das denominações. Buscaremos abordar essa noção como uma teoria linguística popular brasileira, ou seja “[...]um saber prático e útil que ajuda os locutores a manterem/transformarem a sociedade” (Paveau, 2018, p. 21), mas cujas nuances demandam um olhar voltado a perspectivas ontológicas específicas.

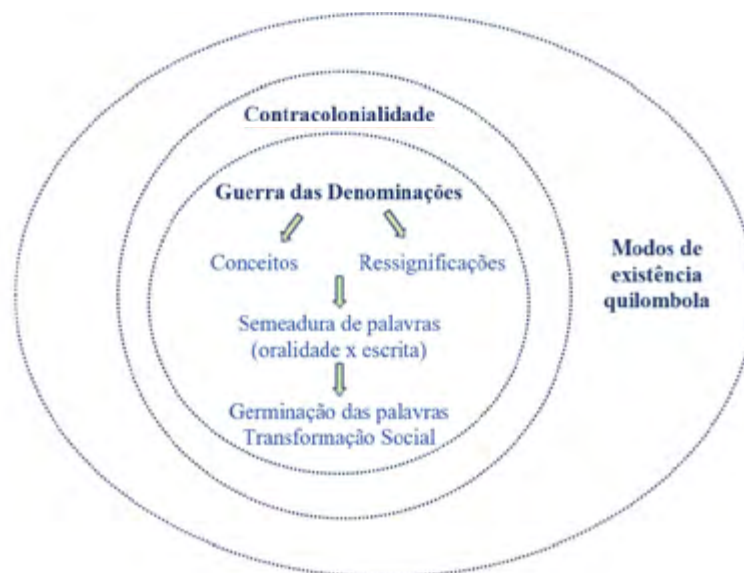
Para compreendermos o funcionamento geral dessa teoria, tomamos como referência principal o livro *A terra dá, a terra quer*, última publicação de Antonio Bispo, antes do seu falecimento, em dezembro de 2023. Nesse livro, Santos, a partir de uma questão essencial para o movimento contracolonial, direcionada a ele por um pesquisador de Cabo Verde, “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?”, responde: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as

nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las” (Santos, 2023, p. 13). Esse diálogo resume bem a proposta geral da guerra de denominações, também sintetizada no trecho “Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também” (*Ibid.*, p. 13). Desse modo, afirma ele, “[...] seguimos na prática das denominações dos modos e da falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (*Ibid.*, p. 13).

Ele elabora assim, como instrumento essencial da corrente contracolonial, que já é em si um movimento de mudança social, também uma proposta linguística. Por meio do que caracteriza como guerra das denominações, ele formula uma série de conceitos como os de biointeração, confluência e transfluência; realiza uma profunda discussão sobre o par oralidade e escrita, que atravessa toda a sua obra; e nos fornece ainda elementos sobre uma visão mais ampla de linguagem, que se estende também a seres não-humanos.

Essas formulações, colocam a sua guerra das denominações como uma das principais formas de exercício da contracolonialidade, que passa necessariamente pela linguagem e por uma sua reformulação. O esquema que segue é uma tentativa de ilustrar a guerra das denominações no quadro mais amplo da contracolonialidade e do modo de existência do qual parte.

Figura 1. Contracolonialidade



Fonte: Elaboração própria

Para atender ao objetivo propositivo deste trabalho, vamos nos deter ao aspecto conceitual elaborado por ele por meio de alguns (com/em)bates que conseguimos dividir em duas práticas de intervenção, que se dão via atividades neológicas por ampliação da polissemia e do campo semântico: a) uma prática mais direta de substituição de termos e b) uma prática de ressignificação. Buscamos exemplificar essas práticas por meio do quadro 1, a seguir, destacando, na sequência, como a ressignificação se dá no movimento da substituição e ambos são perpassados e definidos por modos de existência específicos.

Quadro 1. Exemplos de denominações por substituição/ressignificação

Linguagem/prática colonial Termos a serem enfraquecidos	Linguagem/prática contracolonial Termos a serem potencializados
colonização/colonialismo	contracolonização/contracolonialismo
coincidência	confluência
saber sintético	saber orgânico
transporte	transfluência
dinheiro ou troca	compartilhamento

Fonte: Elaboração própria

Nesse quadro, a proposta de substituição é claramente percebida já que a ideia de enfraquecimento dos termos coloniais, em benefício da potencialização dos termos contracoloniais, é apresentada de forma direta. A esse processo de potencialização, decorrente da própria guerra de denominações, ele chamará de sementeira de palavras: “Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes” (Santos, 2023, p. 15).

Para uma análise mais detida, peguemos, por exemplo, a oposição saber sintético x saber orgânico. Por meio dela, Santos expõe uma reflexão acerca dos saberes produzidos na academia e aqueles produzidos em comunidades tradicionais. Nessa oposição, temos evidenciado o par escrita x oralidade e sua relação de consequência com o par palavra restrita x palavra circulante. Essa oposição expõe a relação colonialidade e contracolonialidade pela forma de sistematização e comunicação dos saberes. Isso ocorre também nos outros pares que, em âmbitos diferentes, vão exercer essa mesma função. Pela guerra de denominações, o autor nos convida a experienciar um outro modo de existência, mais harmônico e viável em termos planetários, empreendendo também um movimento de resistência que tensiona os limites da linguagem.

No decorrer do livro *A terra dá, a terra quer*, embora a questão da linguagem não seja o foco principal, continuamos encontrando várias oposições que marcam as características de cada tipo de sociedade, a colonial e a contracolonial, como: “A cidade não me cabe.

Enquanto a sociedade é feita por *posseiros*, as nossas comunidades são feitas por *peessoas* (*Ibid.*, p. 21, grifo próprio), ou “A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada. A cultura é o contrário. Nós não temos *cultura*, nós temos *modos* – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida” (*Ibid.*, p. 23, grifo próprio).

Se percebemos essa relação constante de oposição, em alguns casos, identificamos também um processo de ressignificação ou neologia como o elaborado para o adjetivo “orgânico” quando utilizado para qualificar e caracterizar um tipo de alimento:

Inventaram o ‘alimento orgânico’. Ora, isso que se compra no supermercado com o selo de ‘orgânico’ é um produto, às vezes sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido pelo saber orgânico, não é voltado para a vida. Se um quilo de carne orgânica é muito caro, o pobre não pode comprar; e se o pobre não pode comer, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas as vidas podem acessar. O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria – com ou sem veneno (*Ibid.*, p. 101).

Nesse caso, não há uma sugestão de substituição, mas uma ressignificação do próprio termo. Aqui, a palavra orgânico é também ressignificada a partir da cosmologia quilombola e utilizada para enfraquecer uma prática colonial muito sutil, já que a produção e consumo de alimentos orgânicos, como a enxergamos habitualmente, não é vista como próxima a práticas colonialistas.

Podemos notar, a partir dessa breve exposição, o quanto a questão das práticas linguísticas se impõem na elaboração de um movimento, e teoria social, brasileiro. Percebemos em Santos a materialização daquilo que Abdias do Nascimento nos dizia ocorrer no quilombismo, ao falar sobre o papel da oralidade: “[...] não se concebia a palavra inerte e apenas descritiva: pois em si mesma era movimento e ação” (Nascimento, 1980, p. 102).

Compreendemos assim que a produção de Nêgo Bispo pode ser inscrita no escopo da Linguística popular, uma vez que atende à fórmula geral apontada por Baronas e Conti, 2019, de acordo com a qual, trabalhos podem ser inscritos no campo da Linguística popular quando são produzidos por não-linguistas, tomam a linguagem como objeto e circulam, em determinado formato, num determinado contexto. Ademais, as propostas de Santos, para além do que possa sugerir uma simples guerra de denominações, são proposições que “[...] conformam um subsistema dentro do aparato cultural/ideológico que os membros da comunidade utilizam para emitir juízos de valor sobre a sua própria conduta verbal e de sua comunidade” (Murillo, 2024, p. 40). Esse elemento se dá como um diferenciador da Linguística popular no tocante a outras perspectivas de estudos da linguagem.

As reflexões e formulações de Antônio Bispo dos Santos podem ser encaradas, de acordo com a proposta de Marie-Anne Paveau (2020), tanto como práticas descritivas quanto como práticas militantes. Em relação às práticas descritivas, percebemos, como apontado por Baronas e Nazzari (2022, p. 37), tanto um “[...] conjunto de descrições quanto pré-teorizações linguísticas do funcionamento da língua, muito fortemente embasada por percepções e por observações empíricas”. Ou seja, há, de certa forma, além de “[...] um julgamento de adequação entre os nomes e as coisas” ou, no nosso caso, entre os nomes e os diferentes seres em relação a modos de existência alternativos/específicos, uma pré-teorização, uma descrição de fatos linguísticos e uma sistematização sobre esses fatos, que se dá no escopo mais amplo da guerra de denominações. No que diz respeito à prática militante, percebemos claramente, nas elaborações de Antônio Bispo, uma dimensão ética e estética com um claro objetivo político-emancipatório em relação à sociedade colonialista.

Contudo, é essencial reafirmarmos que as discussões que ele realiza sobre a linguagem são atravessadas pelo lugar de onde as elabora e propõe. O modo de existência Quilombola faz ecoar uma outra perspectiva cosmológica em sua guerra de denominações. É necessário, portanto, que essa realidade social, cuja importância intentamos explicar ao longo dessa exposição, seja considerada como elemento fundamental da prática linguística que desenvolve.

Nesse sentido, as classificações sugeridas no interior da Linguística popular, especialmente por Marie-Anne Paveau (2020), mostram-se insuficientes para abarcar um tipo de discussão que se faz a partir de territórios e modos de existência específicos dessas comunidades afrodiáspóricas ou mesmo das indígenas. Podemos encaixar Santos, como acima, nas categorias já propostas, mas nosso intuito é, como ele diria, transbordar. É por aquilo que o diferencia que se dá nossa atração, ou seja, o posicionamento que ocupa e de onde enuncia é completamente diferente daquele a partir do qual Paveau propôs sua tipologia e ainda, a partir do qual os exemplos motivadores dessa tipologia partem.

Isso nos impõe a necessidade de, ao menos, a elaboração de uma outra categoria de prática linguística popular, cujas formulações a respeito da língua e linguagem possam considerar, amplamente, essas outras perspectivas de mundo. Refletir acerca de uma Linguística popular à brasileira significa pensar nas especificidades desses linguistas populares, que elaboram suas considerações não somente em terras brasileiras, mas principalmente a partir de práticas e experiências forjadas em modos de existência genuinamente locais.

Eduardo Viveiros de Castro – os pronomes cosmológicos e o perspectivismo

Em seu ensaio intitulado “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”³, Eduardo Viveiros de Castro, no âmbito da Antropologia, discute o significado do “perspectivismo” ameríndio, isto é, as ideias presentes nas cosmologias amazônicas, a respeito do modo como humanos, animais e espíritos veem-se a si mesmos e aos outros seres do mundo com base em diferentes mirantes. Essas ideias sugerem uma possibilidade de redefinição relacional das categorias clássicas de “natureza”, “cultura” e “sobrenatureza” a partir do conceito de perspectiva ou ponto de vista. Com base nas cosmologias ameríndias, Viveiros de Castro nos mostra que as categorias de Natureza de um lado e Cultura de outro não são pertinentes para explicar como os ameríndios veem a si, os outros humanos, os animais e os espíritos.

Em particular, o autor argumenta que a antinomia entre duas caracterizações do pensamento indígena: de um lado, o “etnocentrismo”, que negaria os predicados da humanidade aos humanos de outros grupos; de outro, o “animismo”, que os estenderia a seres de outras espécies, pode ser resolvida se se considerar a diferença entre os aspectos espirituais e corporais dos seres. Para Viveiros de Castro (1996, p. 2) então,

[...] a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A “cultura” ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a “natureza” ou o objeto a forma do particular. Essa inversão, talvez demasiado simétrica para ser mais que especulativa, deve se desdobrar em uma interpretação fenomenológica plausível das categorias cosmológicas ameríndias, que determine as condições de constituição dos contextos relacionais designáveis como “natureza” e “cultura”. Recombinar, portanto, mas para em seguida dessubstancializar, pois as categorias de Natureza e Cultura, no pensamento ameríndio, não só não subsumem os mesmos conteúdos, como não possuem o mesmo estatuto de seus análogos ocidentais elas não designam províncias ontológicas, mas apontam para contextos relacionais, perspectivas móveis, em suma, pontos de vista.

Além disso, o perspectivismo ameríndio, na concepção de Viveiros de Castro,

[...] coloca em primeiro plano o Outrem como relação. Outrem não é um ponto de vista particular, relativo ao sujeito (o ‘ponto de vista do outro’ em relação ao meu ponto de vista ou vice-versa), mas a possibilidade de que haja ponto de vista – ou seja, é o conceito de ponto de vista. Ele é o ponto de vista que permite que o Eu

³ Texto publicado na *Revista Mana*, número 2 em outubro de 1996. Disponível em: SciELO - Brasil - Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.

e o Outro acedam a um ponto de vista (Viveiros de Castro, 2002, p.118) (Malini, 2016, p. 9).

A proposta de Viveiros de Castro é extremamente pertinente para pensar a questão do perspectivismo no âmbito da antropologia. Todavia, é possível verificar a presença dessa discussão mesmo que em estado embrionário, talvez rudimentar, numa espécie de epistemologia da Linguística popular. Nesse sentido, cabe uma vez mais chamar Viveiros de Castro:

Seguindo a analogia com a série pronominal (Benveniste, 1966a, 1966b), vê-se que, entre o “eu” reflexivo da cultura (gerador do conceito de alma ou espírito) e o “ele” impessoal da natureza (marcador da relação com a alteridade somática), há uma posição faltante, a do “tu”, a segunda pessoa, ou o outro tomado como outro sujeito, cujo ponto de vista serve de eco latente ao do “eu”. Penso que esse conceito pode auxiliar na determinação do contexto sobrenatural. Contexto anormal no qual o sujeito é capturado por um outro ponto de vista cosmológico dominante, onde ele é o “tu” de uma perspectiva não-humana, a Sobrenatureza é a forma do Outro como Sujeito, implicando a objetivação do eu humano como um “tu” para este Outro. O contexto “sobrenatural” típico no mundo ameríndio é o encontro, na floresta, entre um homem – sempre sozinho – e um ser que, visto primeiramente como um mero animal ou uma pessoa, revela-se como um espírito ou um morto, e fala com o homem (a dinâmica dessa comunicação é muito bem analisada por Taylor 1993a) (Viveiros de Castro, 1996, p. 3).

De acordo com Fábio Malini, para Eduardo Viveiros de Castro,

[...] pessoa é o “ponto de vista de sujeito que está falando”. Sua noção de pessoa implica em redes, uma vez que qualquer pessoa acede a um ponto de vista – que só se produz em conexão – para se individuar. “Cada pessoa [...] é um nó só de uma vasta trama, uma singularidade enlaçada em uma rede cuja malha se espalha em diversas direções e se dobra em múltiplas dimensões (de tempo, de espaço)” (Viveiros de Castro, 2011, p. 191) (Malini, 2016, p. 5).

Com efeito, para o autor,

[...] o perspectivismo deve ser entendido como um mecanismo de descolonização do pensamento; ele não serviria para descrever os mundos ameríndios, mas para formar uma pragmática da especulação, para pensar o que pode se tornar plausível e operar aberturas no real que nos permitam, como declarou recentemente Lima, “pensar na presença dos índios” (Daher; Bauer; Seifert, 2022, p.12).

“Pensar na presença dos índios”, uma espécie de síntese aforizada das reflexões de Eduardo Viveiros de Castro acerca do perspectivismo ameríndio, a partir do que propõe Lima. Aí está também o ponto de encontro entre Santos e Castro. Para o primeiro, é preciso pensar na presença dos quilombolas e para o segundo na presença dos indígenas, grupos historicamente segregados na sociedade brasileira. Com efeito, para ambos a resistência a essa segregação passa necessariamente pela linguagem, ou melhor, por aquilo que Murillo (2006/2024, p. 80) chama de “atitudes proposicionais” sobre a linguagem. Tanto Santos quanto Viveiros de Castro, ao questionarem, quer seja a colonialidade e/ou a subjetividade inerente à tríade pronominal (eu, tu, ele), não estão apenas descrevendo determinados fenômenos linguísticos, mas formulando hipóteses teóricas e sociais muito originais sobre o funcionamento da língua.

Em outros termos, o que Bispo e Castro propõem, cada um a seu modo, não são somente reflexões, a partir das quais discutiríamos o seu valor de verdade, se são verdadeiras ou falsas, como na epistemologia tradicional, são propostas de ação. Eles se preocupam menos em dizer o que é contracolonialidade ou perspectivismo e mais em o que se deve fazer com esses conceitos. Nesse sentido, uma vez mais é possível (re)afirmar a inscrição de ambos como linguistas populares, cuja preocupação com enunciados de natureza epistêmica, como é o caso da linguística tradicional, é confrontada com enunciados de natureza deôntica. Em síntese, não basta produzir saberes sobre a linguagem, é preciso que esses saberes em alguma medida modifiquem a sociedade, eis o que diferencia a Linguística popular.

Considerações finais

De acordo com Baronas e Nazzari (2022, p. 47), “A Linguística popular engendrada no Brasil ainda está em fase de legitimação, trabalhando sempre numa perspectiva integracionista entre os saberes populares e os saberes das ciências da linguagem”. Nossa proposta aqui foi colaborar, já nesse momento de legitimação, com reflexões que nos possibilitem empreender essa Linguística popular, a partir das especificidades locais, tangenciando discussões atuais importantes para diferentes campos do saber.

Sem nenhum tipo de jabuticabia nacional e/ou policarpeísmo acadêmico, entendemos que trabalhar por uma Linguística popular brasileira implica pensarmos em nossa diversidade e na variedade de formas de fazê-la. Em nosso caso, pesam questões que nos obrigam a dialogar com discussões sobre o estatuto ontológico das ciências e disciplinas. Pelo que foi exposto, tentamos introduzir aqui a complexa e profunda questão elucidada por Jan David Hauck, ao também lidar, pelo viés da antropologia, com elaborações linguísticas de não-linguistas:

Levar a sério as reivindicações de nossos interlocutores sobre a linguagem [...] significa estarmos abertos à possibilidade de que quando nós, antropólogos ou

linguistas, e nossos interlocutores usamos o termo linguagem, podemos não estar falando sobre a mesma coisa. Será que disjunções como as mencionadas acima não apenas apontam para diferentes posturas, opiniões ou crenças que diferentes pessoas têm sobre a mesma coisa, linguagem – diferentes ideologias linguísticas –, mas podem sugerir mal-entendidos mais fundamentais sobre o que é linguagem? Heurich e eu sugerimos as noções de “naturezas linguísticas” ou “naturezas da linguagem” como forma de conceituar diferenças ontológicas na linguagem (Hauck; Heurich, 2018), inspirando-nos no interesse etnográfico renovado em outros conceitos, como humanidade, natureza, cultura ou a noção de pessoa, que a virada ontológica exemplifica (Hauck, 2023, p. 49).

São essas questões e conceitos que permeiam a análise das propostas de Bispo dos Santos e de Viveiros de Castro. Sem a compreensão da renovação pela qual vem passando esses conceitos – natureza, cultura, humanidade etc. – não é possível apreendermos em sua totalidade a guerra de denominações ou o perspectivismo como proposições linguísticas. Assim como apontado por Hauck, não podemos aqui incorrer no erro, já também alertado pelo intelectual brasileiro Abdias do Nascimento, de não considerarmos a cosmologia de onde essas teorias partem. Ao falar sobre estudos a respeito da influência africana no português, ele destaca que

Mesmo se concedendo a melhor das intenções aos estudiosos brancos, a verdade é que lhes falta algo que está além da pura qualificação técnica: falo da impossibilidade que têm demonstrado em entender e aceitar as línguas africanas como parte de um todo íntegro, isto é, parte de um contexto cultural muito mais amplo do que a expressão da língua (Nascimento, 1980, p. 113).

É esse todo íntegro, em toda sua profundidade, e em todo o desconforto que pode nos causar, que buscamos adentrar nesse empreendimento por uma Linguística popular do Brasil. É preciso asseverar que pensar numa Linguística popular do Brasil com base em epistemologias brasileiras, não significa criar uma alfândega epistêmica, mas, colocar em prática no âmbito das ciências da linguagem, o que Oswald de Andrade, inspirado no quadro Abaporu de Tarsila do Amaral, propunha no seu Manifesto Antropofágico.

Referências

BARBOSA NETO, E. R.; SILVA, N. N. da; LOWANDE, W. F. F. Entrevista “Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo). *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, p. e0601, 2023. DOI: 10.5965/19847246242023e0601. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24544>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BARONAS, R. L.; CONTI, T. B. Notas sobre a possibilidade de um trabalho no *carrefour* epistemológico entre a linguística popular e os estudos do discurso. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4285, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4285>. Acesso em: 18 out. 2024.

BARONAS, R. L.; NAZZARI, M. S. Sabença(s) dos/as linguistas populares. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-48, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em: 18 out. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.17038>.

BENVENISTE, E. "La Nature des Pronoms". In: BENVENISTE, E. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1966a. p. 251-257.

BENVENISTE, E. "De la Subjectivité dans le Langage". In: *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1966b. p. 258-266.

CASTRO, E. V. de. O medo dos outros. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 54, n. 2, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2011.39650. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/39650>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e perspectivismo ameríndio. *Revista Mana*, v. 2, n. 2, out. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CASTRO, E. V. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, Apr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxxhqhZk9936mxW5GRrhq/?lang=pt>. Acesso em: 20 Julho de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>.

DAHER, S.; BAUER, A. P. M.; SEIFERT, R. E. A Organização pensada a partir do Perspectivismo Ameríndio. *Anpad*, 2022. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/e5ba7c3bbe8402a49a10fed2162dac54.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GANANÇA, J. H. Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias. *Revista GTLex*, v. 4, n. 1, p. 33-53, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-2>. Acesso em: 20 nov. 2024.

HAUCK, J. D. A linguagem de outro jeito: as naturezas linguísticas e o desafio ontológico. In: SEVERO, C.; BUZATO, M. (org.). *Cosmopolítica e Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2023. p. 14-75.

HEURICH, G. O.; HAUCK, J. D. Language in the Amerindian Imagination. *Language & Communication*, v. 63 (Special issue), 2018.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, 2016, Goiânia. Disponível em: https://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf. Acesso em: 06 maiO 2026.

NASCIMENTO, A. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africana*. Petrópolis: Vozes, 1980.

MURILLO, C. V. J. *O espanhol da Costa Rica segundo os ticos: um estudo de Linguística Popular*. Tradução Mariana Morales da Silva, Roberto Leiser Baronas e Marcelo Rocha Barros Gonçalves. Campinas: Editora da Abralín, 2024. Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2025/03/O-espanhol-da-Costa-Rica-segundo-os-ticos-1.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025.

PAVEAU, M.-A. Les non-linguistes font-ils de la linguistique? Une approche antiéliminativiste des theories folk. *Pratiques*, ed. 139-140, p. 93-110, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1200>. Acesso em: 03 nov. 2024.

PAVEAU, M.-A.; ESTEVES, P. M. S. Não Linguistas Fazem Linguística? Uma Abordagem Antieliminativa das Ideias Populares, *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 3, n. 2, p. 21-45, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/21267/12729>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PAVEAU, M.-A. Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. (org.). *Linguística popular/folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

SANTOS, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, A. B.; MAIA, J. *Quatro Cantos*. São Paulo, n-1 Edições/Roça de quilombo, 2022.

TAYLOR, A-C. "Des Fantômes Stupéfiants: Langage et Croyance dans la Pensée Achuar". *L'Homme* 126-128, v. XXXIII, n. 2-4, p. 429-447, 1993a.